

O ENSINO MÉDIO NA VISÃO DO ALUNO QUILOMBOLA

Ivanilza de Souza Beserra¹; Cícero Nilton Moreira da Silva²

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE/ivanilza2010@hotmail.com

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE/ciceronilton@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho faz uma reflexão sobre o ensino médio na tentativa de entender qual o seu significado para o aluno quilombola, uma vez que se compreende que a educação deve atender as particularidades dos sujeitos. Nesse contexto, destaca-se as particularidades dos alunos negros quilombolas, que durante muito tempo foram excluídos da escola formal. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo compreender a visão do aluno negro quilombola sobre o ensino médio a partir do referencial da identidade quilombola. Para tanto, parte do aporte teórico de Brasil (2013), Gomes (2015) e Souza (2012), a partir dos quais se realiza a análise da narrativa autobiográfica de uma aluna quilombola que estuda na escola de ensino médio de Portalegre/RN. Considera-se que o trabalho com a (auto)biografia pode ajudar a compreender o que o aluno pensa sobre si e sobre a escola - o que pode ser útil na reflexão sobre o papel da escola e na elaboração de novas propostas pedagógicas. Entender a visão que o aluno quilombola tem sobre o Ensino Médio pode levar os profissionais da educação, assim como a população em geral, a perceber a importância de se realizar o trabalho com as relações étnico-raciais na escola, a fim de proporcionar aos sujeitos o entendimento acerca da nossa realidade brasileira, respeitando o outro a partir das suas diferenças. Acreditamos que, através da voz dos alunos sobre o Ensino Médio, a escola pode vir a contribuir por intermédio do seu trabalho para a construção de uma cultura de respeito e valorização das diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, quilombola, ensino médio, narrativas autobiográficas.

1 INTRODUÇÃO

Dizer que a escola é a melhor das opções para a formação intelectual, social, cognitiva, afetiva e profissional é de fato um discurso positivo, já que confere à instituição escolar uma função de destaque na existência da sociedade. No entanto, esses discursos são geralmente formulados pela escola sem que se tenha qualquer corroboração dos sujeitos que a frequentam. Dessa forma, é interessante colocar o discurso do aluno em evidência, ou seja, captar a visão que os próprios alunos atribuem à escola.

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de dissertação em andamento, que faz parte do Programa de Pós Graduação em Ensino PPGE, do *Campus* Avançado “Prof.^a Maria Elisa de

¹Aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), vinculado ao Departamento de Educação do Campus Avançado “Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

²Orientador, professor doutor em geografia, faz parte do quadro permanente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (Campus de Pau dos Ferros-RN) e do Programa Pós-graduação em Ensino (PPGE/CAMEAM/UERN).

Albuquerque Maia” – CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, a qual busca compreender a percepção dos alunos de comunidades quilombolas de Portalegre/RN sobre o ensino médio ao qual têm acesso.

Assim, esse texto tem como objetivo compreender a visão do aluno negro quilombola sobre o Ensino Médio, como última etapa da educação básica. Entendemos que a escola média é fundamental para o desenvolvimento pessoal, profissional e social do sujeito, haja vista que se trata da última etapa da educação básica, sinalizando o término de uma etapa formativa e a abertura de novas possibilidades educacionais e profissionais. Nesse sentido, é oportuno salientar que os objetivos centrais do Ensino Médio estão voltados para a formação de sujeitos críticos e autônomos para o exercício da cidadania e para a inserção no mercado de trabalho. Como podemos inferir, o ensino médio é uma etapa educacional muito importante, sendo ela uma base para o futuro desenvolvimento dos sujeitos que a concluem.

Desse modo, compreender a visão que os alunos quilombolas atribuem ao Ensino Médio pode ser fundamental na organização de propostas que visem atender às necessidades educacionais desses alunos, de acordo com as propostas educacionais brasileiras, ou seja, ouvir esses alunos e tentar compreender o que eles podem dizer sobre o ensino médio que têm vivenciado é uma forma de lutar por condições justas de escolarização, pois, por meio da visão que esses alunos manifestam sobre o ensino médio torna-se possível refletir sobre as finalidades e objetivos propostos para o Ensino Médio, isto é, se esses objetivos e finalidades têm sido alcançados de forma igualitária.

Para fazer essa reflexão, este trabalho segue um percurso metodológico estruturado da seguinte maneira: visitação de conceitos e teorias de autores como Brasil (2013), que fala sobre a importância do Ensino Médio e suas atribuições; Gomes (2015) e Souza (2012), que nos permitem refletir sobre a história do negro no Brasil; e a análise de uma narrativa autobiográfica de uma aluna quilombola que estuda na escola de ensino médio de Portalegre/RN. Essa narrativa foi feita com o intuito de perceber como essa aluna vê a última etapa da educação básica, ou seja, que significado ou contribuição essa etapa escolar pode ter para sua vida.

Acreditamos que perceber o que os alunos quilombolas têm a falar dessa modalidade de ensino é um grande passo para o desenvolvimento de novas propostas nas quais o aluno quilombola seja realmente incluído, tendo suas culturas e identidades valorizadas e fortalecidas pela escola.

2 Metodologia

Este, metodologicamente este é um trabalho de natureza qualitativa, uma vez que busca interpretar a escrita do sujeito pesquisado na tentativa de apreender os significados que ele atribui à escola média.

De acordo Bogdan e Biklen (1994) a investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre investigadores e respectivos sujeitos, de forma que os dados não devem ser neutros. Dessa forma, nosso trabalho utiliza a pesquisa autobiográfica, através da narrativa autobiográfica, que é uma das fontes utilizadas por esse tipo de pesquisa. De acordo com Abrahão (2004, p. 202), “A pesquisa (auto) biográfica é uma forma de história autorreferente, portanto, plena de significado, em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais”. Daí podemos inferir a importância das narrativas autobiográficas, uma vez que através delas podemos ter acesso ao que os sujeitos falam sobre si e sobre algo que faz parte da sua vida. Utilizada na pesquisa educacional, essa técnica pode apontar inúmeras possibilidades investigativas, principalmente nos casos em que a subjetividade e a identidade dos sujeitos estão em evidência, como por exemplo, em questões envolvendo formação, experiência e atribuição de sentidos.

Assim sendo, este trabalho fundamenta as suas discussões na análise de uma narrativa (auto)biográfica de uma aluna do ensino médio da cidade de Portalegre/RN. Essa aluna é identificada no trabalho através do pseudônimo “Jasmim”, para que se possa manter o sigilo da sua identidade.

3 Resultados e Discussão

O Brasil conviveu por muitos anos com o regime escravista, o qual se caracterizou pelo sequestro de centenas de negros provenientes de diferentes locais da África para serem utilizados como mão-de-obra escrava em todo o território nacional. Vale ressaltar que essas pessoas eram transportadas em grande número e em condições desumanas, como se não bastasse terem sido arrancadas de suas terras e separadas de suas famílias. Trazemos esse dado para demonstrar que a luta atual dos negros por igualdade, dignidade e respeito não é outra coisa senão o reflexo de uma herança de discriminação e segregação que advém desse estigma da nossa história.

Para Souza (2012), a população negra é mais vulnerável, considerando vários aspectos, dentre os quais a educação. Isso quer dizer que, mesmo com o fim da escravidão, não foram extintas as condições que separavam os negros dos demais integrantes da sociedade, ou seja, eles não foram amplamente recebidos na escola, pelo contrário, foram afastados dela. E isso não ocorreu apenas no

período posteriormente ao fim da escravatura, mas se estendeu pelos séculos seguintes. Não é à toa que chegamos ao século XXI ainda com enormes disparidades entre negros e brancos no campo educacional, o que inclusive tem sido objeto de políticas públicas afirmativas no intuito de diminuir essas disparidades e corrigir o equívoco histórico da segregação racial no nosso País.

A partir do exposto podemos indagar a respeito da presença dos negros na escola, isto é, sobre como esses negros são recebidos na escola e como suas identidades são vistas e trabalhadas no ambiente escolar. Haja vista que a herança segregacionista e discriminatória ainda permanece e se reflete em todos os espaços sociais, incluindo-se aí a instituição escolar.

Vale ressaltar que a inserção do negro na escola não seria possível sem a organização e a luta do mesmo pelo direito de ser escolarizado. E isso só foi feito a partir de muitas lutas, que ainda acontecem em prol de melhores condições de acesso e permanência na escola, em todos os níveis educacionais.

Durante a colonização, o negro escravizado não tinha acesso à instrução oficial. E mesmo após o período escravocrata esse acesso não foi imediato. O acesso do negro à educação escolar formal aconteceu de maneira muito lenta. Segundo Cruz (2005, p. 21), a presença do negro na educação escolar só adquire visibilidade a partir da década de 1960:

Há cerca de 43 anos a história da educação brasileira tem seu espaço no currículo de formação do educador como uma disciplina específica. Porém, observando-se a bibliografia nesta área, teremos a nítida impressão da inexistência de experiências escolares dos negros em período anterior à década de 1960, quando a rede pública de ensino sofre vasta expansão do número de vagas.

Segundo o ponto de vista de Cruz, as bibliografias da área educacional não registram ou detalham a presença do negro na educação formal, antes de 1960. Esse ponto de vista é reforçado por outros estudos, como os de Veiga (2017), que apontam que nos primeiros anos de 1960 a educação era oferecida somente para as classes médias e altas. Outro fato importante para abordarmos é a questão de o negro ser visto como inferior, no que se refere à sua intelectualidade. “No que se refere propriamente à escolarização dos negros, segundo os modelos oficiais, percebe-se que eles sempre estiveram em contraponto a afirmações que alegam sua incapacidade para a vivência bem sucedida de experiências escolares e sociais” (CRUZ, 2005, p. 29).

Segundo pontua Cruz (2005), os negros eram vistos como intelectualmente inferiores aos brancos e que, portanto, não teriam capacidade de ser bem sucedidos no percurso escolar formal. Um discurso nitidamente segregacionista e carregado de preconceito. Pode-se dizer, portanto, que esse discurso tornou ainda mais difícil a presença do negro na escola.

Na contemporaneidade apesar da educação ser considerada como direito de todos independentemente de classe social, gênero ou raça/etnia e os negros poderem frequentar a escola assim como os brancos a escola ainda não se desvencilhou das práticas de segregação racial, as quais muitas vezes não são visíveis diretamente, pois fazem parte do que se convencionou chamar de currículo oculto, ou seja, um conjunto de valores, crenças e práticas não oficiais que existem de forma subjacente à cultura escolar oficial e se manifesta em atitudes, posturas, olhares e falas, que se contrapõem ao que é oficialmente declarado como valores da instituição escolar. Isso pode explicar, por exemplo, por que práticas discriminatórias ainda continuam acontecendo na escola do século XXI, sendo que, no geral, o discurso da mesma é de igualdade e respeito às diversidades de classe social, gênero, credo e raça.

Está claro que a presença do negro na escola formal ainda não é algo natural. Mesmo hoje, séculos depois do término do sistema escravista, o negro não foi integrado à sociedade da mesma forma que os brancos. No caso específico da educação, isso fica claro com a criação das políticas de ações afirmativas para negros, criadas com o objetivo de facilitar o acesso, a permanência e o sucesso escolar. Essas políticas são formas de o Estado brasileiro tentar compensar a população negra por séculos de exploração e segregação. São, pois, tentativas de superar as desigualdades raciais imperantes em nosso País.

Na seara das políticas afirmativas merece destaque as leis 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases, lei nº 9.939/96 e que torna obrigatório o estudo da Cultura Afro-Brasileira nas redes de ensino, e a lei nº 11.645/2008, que também altera a LDB, modificando a lei nº 10.639/2003, que incluiu no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena³.

Esse resgate histórico da presença do negro na escolarização formal e a menção às políticas de ações afirmativas tem como objetivo situar a problematização fundamental deste trabalho, a qual se refere à escolarização dos alunos descendentes de quilombolas, os quais são, direta ou indiretamente, descendentes de escravos. A esse respeito vale salientar que, em linhas gerais, os negros não aceitaram passivamente o cativeiro e a exploração. Eles resistiram de diversas maneiras contra o sistema escravista. Em diversos momentos muitos negros fugiram e formaram comunidades chamadas de quilombos, muitos dos quais existem até hoje em todas as partes do nosso Brasil.

³ É importante destacarmos que a Reforma do Ensino Médio prejudicou os avanços que tivemos através da lei 10.639/2003 e 11.645/2008, uma vez que não torna algumas disciplinas obrigatória como a história.

As sociedades escravistas conheceram várias formas de protesto. Insurreições, rebeliões, assassinatos, fugas e morosidade na execução das tarefas se misturavam com a intolerância dos senhores e a brutalidade dos feitores. Chicotadas, açoites, troncos e prisões eram rotineiros (GOMES, 2015, p. 07).

A partir de Gomes (2015) podemos afirmar que os negros escravizados tinham formas de protesto contra a situação em que foram colocados. Isso é da maior importância, pois nos permite ter uma visão clara de que os negros lutam por seus direitos desde tempos distantes. Inicialmente, como nos remete Gomes (2015), pela sobrevivência. Hoje pelo respeito e dignidade inerente à sua pessoa humana, o que inclui a luta por condições igualitárias de trabalho e pelo acesso à educação formal.

Considerando a importância da educação na construção de uma sociedade melhor, com respeito às diferenças, apreço à tolerância, igualdade de gênero e de raça, esse trabalho pretende trazer à tona a visão que alunos descendentes de quilombolas têm sobre a escola média. Ressaltamos que no Brasil existem escolas que oferecem educação quilombola, ou seja, escolas dedicadas ao oferecimento de educação na perspectiva de considerar os valores culturais, históricos, econômicos e sociais dos povos quilombolas. Estas, todavia, não existem em todas as regiões onde há remanescentes de quilombos, como em Portalegre/RN. Nesse contexto, os alunos dessas comunidades cursam a sua escolaridade obrigatória na escola comum, não quilombola e geralmente urbana.

O ensino médio e o seu papel na formação do sujeito

O Ensino Médio é uma etapa muito importante na vida do aluno, pois ele poderá direcionar outras etapas escolares, - como uma formação de nível superior -, e levá-lo à inserção no mercado de trabalho. Dentre as finalidades que orientam o Ensino Médio, estão: o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos na educação básica; a preparação para o mercado de trabalho; o desenvolvimento da autonomia intelectual e o pensamento crítico; e compreender os fundamentos científicos e tecnológicos existentes na sociedade. Estas finalidades estão presentes nas diretrizes curriculares da educação básica.

A partir dessas finalidades podemos perceber que o Ensino Médio assume uma posição muito importante na vida do sujeito, pois a partir dele o aluno pode vislumbrar tanto a inserção no mercado de trabalho quanto a vivência plena da cidadania.

Nesse sentido, o Ensino Médio, como etapa responsável pela terminalidade do processo formativo da Educação Básica, deve se organizar para proporcionar ao estudante uma formação com base unitária, no sentido do método de pensar e compreender as determinações da vida social e produtiva; que articule trabalho, ciência, tecnologia e cultura na perspectiva de emancipação humana (BRASIL, 2013, p. 39).

É possível inferir, portanto, que o ensino médio assume uma posição estratégica na formação do aluno. Desse modo, é importante que ele seja planejado de maneira que atenda as particularidades de todos, de maneira que percebam a importância que ele possui e o que pode proporcionar para a sua vida em sociedade.

Partindo do pressuposto de que o Ensino Médio é uma etapa fundamental para a formação integral do sujeito, somos levados a refletir sobre a sua importância para os alunos descendentes de quilombolas, que, como referimos, foram afastados da escolarização durante muitos séculos da nossa história. Embora seja um direito de todos, indistintamente, nem todos têm a mesma visão sobre ela ou atribuem a esta, o mesmo sentido. E isso varia muito, dependendo da forma como a escola trabalha com a diversidade cultural, social e racial dos alunos. Muitos alunos quilombolas já frequentam escolas onde as práticas são direcionadas para a valorização da cultura afro-brasileira, ou seja, têm acesso a uma educação que reconhece e valoriza a cultura dos seus antepassados. Outros alunos, entretanto, ainda frequentam escolas nas quais a cultura negra, quilombola ou afro-brasileira não é reconhecida. Sendo que muitas vezes só se trabalha a questão do negro quilombola no dia da consciência negra.

Em cada uma dessas situações descritas, a visão que os alunos descendentes de quilombolas têm da escola e do ensino poderá ser diferente. Isso nos leva a pensar sobre a cultura, a identidade e a visão que esses alunos podem ter de si e da escola, uma vez que esta é fundamental para formação do sujeito.

A oferta da educação escolar para as comunidades quilombolas faz parte do direito à educação; porém o historiador de desigualdades, violência e discriminação que recai sobre esses coletivos afeta a garantia do seu direito à educação, à saúde, ao trabalho e a terra. Nesse sentido, atendendo aos mesmos preconceitos constitucionais, pode-se afirmar que é direito da população quilombola ter a garantia de uma escola que se assegure a formação básica comum, bem como o respeito aos seus valores culturais. Para tal, faz-se necessário normatização e orientação específicas no âmbito das políticas educacional e curricular (BRASIL, 2013, p. 440).

Para que se possa ter uma educação em que se respeitem os valores culturais dos povos quilombolas, são necessárias orientações específicas, direcionadas para a educação desses povos. A formulação de leis afirmativas, como as que discutimos neste texto é importante, mas, é necessário

levar esse reconhecimento, respeito e valorização, de fato, para dentro da escola básica. E uma das formas de fazer isso é levar essas questões para dentro do Projeto Político-Pedagógico (PPP) das escolas, ou seja, torná-las parte do documento essencial da instituição, que define seus objetivos, rumos, metas e tipos de sujeito e sociedade que se quer construir.

A inclusão de propostas que orientem a perspectiva da educação dos alunos descendentes de quilombolas é fundamental nos nossos currículos escolares, pois, a partir deles tanto os alunos quilombolas quanto os não quilombolas terão a oportunidade de conhecer o processo que permitiu a existência do povo brasileiro, que, por essência, é miscigenado e plural. Esse é um passo importante na desconstrução de estereótipos raciais e na construção de uma cultura pluralista, marcada pelo respeito e apreço às diferenças de todos os tipos.

Dessa forma, ao pensarmos um currículo em que a educação também esteja voltada para a cultura desses alunos, não estamos em momento algum querendo uma educação diferenciada, e sim uma educação que poderá ser benéfica para todos, isto é, uma educação em que possamos conhecer as diferentes culturas, religiões e histórias, onde todos sejam tratados como humanos e não sejam submetidos a uma classe dominante que oculta e diminui as demais culturas.

A visão do ensino médio na concepção de alunas quilombolas

Quando utilizamos a palavra visão para designar a maneira pela qual alguém olha para algo e o interpreta a partir dos seus referenciais identitários, sociais, culturais, econômicos, comunitários e religiosos, estamos nos referindo à dimensão do significado.

A presença da palavra visão neste trabalho está relacionada ao modo como o aluno concebe e atribui significado ao Ensino Médio. Mas não é só isso. Essa visão se constitui de acordo com os referenciais desses sujeitos, ou seja, com o conjunto de elementos culturais, linguísticos, sociais e étnicos que lhes são peculiares. Neste trabalho partimos de um desses referenciais: a identidade quilombola, entendida aqui como processo de identificação aos traços culturais, sociais e étnico-raciais da comunidade quilombola e o sentimento de pertencimento à mesma. Nessa perspectiva, consideramos a visão dos alunos estudados neste trabalho a partir do referencial da identidade quilombola. Isso significa tentar encontrar o elo de ligação entre a visão que os alunos expressam do ensino médio e a identificação e pertencimento à comunidade quilombola.

Para tanto, realizamos a análise de uma narrativa (auto)biográfica escrita de uma aluna da comunidade quilombola Sobrado, do Município de Portalegre/RN. A mesma (aluna) tem 17 anos e

curso o 3º ano do Ensino Médio. Ela será identificada apenas por *Jasmim*. Vale citar que a aluna mora em uma comunidade quilombola, localizada na zona rural e, que, para frequentar o Ensino Médio, ela precisa se deslocar para a zona urbana todos os dias.

É importante salientar que os pais de *Jasmim* não frequentaram o Ensino Médio, pois precisavam trabalhar para sustentar a família. Esse fato, todavia, não os impediu de sempre estimularem a filha a estudar, mesmo sabendo das dificuldades que iria ter que enfrentar, como o trajeto cansativo até a escola; mesmo sabendo que muitos da comunidade não frequentam ou desistem quando chegam nessa modalidade de ensino.

A análise da narrativa da aluna nos permitiu chegar a algumas constatações que discutimos na sequência. A primeira constatação é a de que a aluna tem uma visão positiva do Ensino Médio. Ela o considera uma etapa educacional importante, uma vez que pode proporcionar algumas possibilidades para o aluno egresso, como por exemplo, chegar ao Ensino Superior ou abrir as portas para o mercado de trabalho.

Apesar dessa visão positiva, a aluna expressa que o Ensino Médio poderia ser mais proveitoso para o aluno quilombola. Nesse caso, ela destaca que os professores poderiam dar maior atenção às questões ligadas à importância da cultura quilombola nos conteúdos ministrados. “*Se os professores abrissem as portas para falar sobre o povo quilombola, ajudaria cada vez mais na autoconfiança dos alunos quilombolas, para que eles não se sintam excluídos do ambiente em que vivem*” (Narrativa escrita de *Jasmim*). Essa fala não seria tão grave se não existisse leis que tornam o ensino da cultura afro-brasileira obrigatória nas escolas brasileiras. No entanto, sabemos que essas leis existem e, que, portanto, as escolas já deveriam ter incluído essas discussões em seus Projetos Político-Pedagógicos e nos seus currículos, principalmente as escolas que recebem alunos de comunidades quilombolas.

Embora a visão positiva do Ensino Médio esteja presente na narrativa da aluna, ao reconhecer a importância dessa etapa da educação básica, ela demonstra a partir do referencial da identidade quilombola, que a escola média ainda não atende ao que é previsto em lei, isto é, não trabalha na perspectiva do ensino das relações étnico-raciais. Depreende-se que enquanto aluna do Ensino Médio, *Jasmim*, tem uma visão positiva do mesmo, vislumbra a partir dele a inserção no mercado de trabalho ou no ensino superior. Quando ela considera esse mesmo Ensino Médio a partir da ótica de uma aluna quilombola, entretanto, a visão não é tão positiva assim. Visto que ela reconhece que a sua identidade quilombola não é valorizada pela escola.

A partir desse viés apresentado por *Jasmim*, reafirmamos a importância da valorização das

singularidades dos alunos em todas as etapas educacionais.

Muitos jovens, principalmente os oriundos de famílias pobres, vivenciam uma relação paradoxal com a escola, ao mesmo tempo em que reconhecem seu papel fundamental no que se refere a empregabilidade, não conseguem atribuir-lhe um sentido imediato (Sposito, 2005), vivem ansiosos por uma escola que lhes proporcione chances mínimas de trabalho e que se relacione com as experiências presentes (BRASIL, 2013, p. 155).

Como bem colocado por Jasmim, em sintonia com Brasil (2013), os jovens atribuem uma grande importância ao Ensino Médio. Eles construíram uma visão de que essa etapa educacional é ao mesmo tempo uma porta de saída e de entrada. Saída da escolarização básica e entrada no mundo do trabalho e da formação superior. Mas não se resume apenas a isso. É verdade que os jovens almejam conseguir um trabalho com o término do Ensino Médio, mas também anseiam que a escola média lhes proporcione a vivência das suas diversidades, como no caso dos alunos quilombolas, que anseiam pelo reconhecimento da sua identidade cultural. A narrativa de Jasmim explicita isso de forma muito clara. Ela acredita que a escola média possa levar ao trabalho, mas destaca que o processo formativo poderia ser direcionado na perspectiva da valorização da identidade dos alunos quilombolas, haja vista que a escola recebe esses alunos.

Outra questão que destacamos é sobre a escrita da aluna, quando fala que o Ensino Médio poderia mostrar como os quilombolas são, e não, como poderiam ser. Vejamos:

O Ensino Médio é importante pelo fato de poder manter viva a cultura quilombola, como também a identidade, uma história que deve ser exposta aos demais alunos, não ensinando o que poderia ser, e sim mostrando o que realmente é. Nesse lado o Ensino Médio não tem experiência ainda há deficiência em mostrar esse lado da vida (Narrativa escrita de Jasmim).

Jasmim fala da importância da escola trabalhar a cultura quilombola, a identidade, a história, como realmente são. Isso chama bastante atenção, pois percebemos que muitas escolas não estão preparadas para desenvolver determinados assuntos, pois nem mesmo os professores têm uma preparação para isso - o que retarda cada vez mais o trabalho da escola na luta contra a discriminação racial. Nesse sentido, fazemos menção às leis 10.639/2003 e 11.645/2008, as quais são muito importantes para subsidiar esse trabalho da escola, uma vez que a educação deve ser oferecida para todos e considerar as particularidades dos educandos.

Apesar da existência desses dispositivos jurídicos, sabemos que ainda existe preconceito em relação à presença do negro na escola. Vejamos na fala da aluna:

[...] depois que fui para o ensino médio as coisas mudaram e passei a ser respeitada por chegar tão longe, porque muitos dos estudantes que me

acompanharam ficaram pelo caminho. Ser quilombola negra e de classe média baixa, as vezes é visto como uma pessoa que não vai tão longe (Narrativa escrita de Jasmim).

A fala da aluna Jasmim corrobora o que diz Cruz (2005) quando mostra que a intelectualidade do negro era vista como inferior a dos brancos. Ideologia que dificultava a presença do negro na escola, pois servia de justificativa para a sua exclusão. A partir da fala da aluna podemos questionar se essa ideologia ainda não está presente nos nossos dias. Quando Jasmim diz que uma aluna negra e de classe baixa é vista como uma pessoa que não vai tão longe, a sua fala demonstra que o negro ainda tem dificuldade para conseguir frequentar a escola. Ou seja, a ideologia/crença da inferioridade intelectual do negro ainda persiste e se manifesta em estereótipos raciais.

Por fim, concluímos que a aluna tem uma visão crítica do Ensino Médio ofertado na escola onde estuda. Ela reconhece a importância que o mesmo tem para a formação e a vida profissional, mas entende que ele poderia contribuir de forma mais efetiva com as discussões ligadas à identidade e à cultura quilombola.

Conclusão

O trabalho com a pesquisa (auto)biográfica apresenta inúmeras possibilidades, visto que a (auto)biografia é um importante instrumento de pesquisa, principalmente quando se considera os aspectos subjetivos e relacionais dos sujeitos.

Neste trabalho tentamos apreender o que uma aluna quilombola de Portalegre/RN, - apelidada de Jasmim -, pensa sobre o Ensino Médio. Para tanto, realizamos a análise de uma narrativa (auto)biográfica escrita produzida pela aluna. Nesse sentido, concluímos que para ela o Ensino Médio é fundamental para o seu desenvolvimento pessoal e profissional, apesar de ressaltar que o mesmo ainda deixa algumas lacunas importantes.

A narrativa de Jasmim nos permite inferir que apesar das leis que visam a construção da escola média plural, as particularidades e singularidades dos alunos ainda não são atendidas de forma plena. Como exemplo, destacamos os alunos quilombolas. A principal crítica/ressalva da aluna pesquisada se refere à necessidade da escola mostrar como a cultura quilombola realmente é e não como poderia ser, ou seja, sobre a necessidade da escola conhecer a realidade do aluno e trabalhá-la realmente entre as atividades de ensino, para que assim possa construir um processo ensino-aprendizagem significativo para o aluno.

Esperamos que essa investigação venha a colaborar no estímulo à produção de outros trabalhos dessa natureza, ou melhor, que estes possam direcionar a (auto) biografia com discentes, posto que estes podem nos proporcionar respostas riquíssimas, como também possam nos levar a uma reflexão sobre o trabalho com a realidade dos sujeitos.

Referências

BOGDAN, C. Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em educação**: Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto editora, 1994.

Brasil. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Básica. Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2013. 562p.

CRUZ, Mariléia dos Santos. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros. In: BRASIL. **História da educação do negro e outras histórias**. Brasília: SECAD, 2005, p. 21-34.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. 1ª ed. São Paulo. Claro Enigma. 2015.

SOUZA, Laura Oliveri Carneiro de. **Quilombos**: Identidade e História. Rio de Janeiro, 2012. Nova Fronteira. 1ed.

VEIGA, Cynthia Greive. Escola pública para os negros e os pobres no Brasil: uma invenção imperial. **Rev. Brasileira de Educação**. [online]. 2008, vol.13, n.39, pp.502-516. Acesso em: 26 jun. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n39/07.pdf>